

## **Falar de novo da ciência da religião...**

## **Talk about study of religion again ...**

João Décio Passos<sup>1</sup>

jdpassos@pucsp.br

As ciências estão em permanente construção. Embora a história de todas elas revele essa verdade, a consciência epistemológica desse dado não é unânime. Uma visão ou imagem científica reproduzida pelo senso comum e uma concepção de ciência consolidada nas próprias academias costumam afirmar que as ciências expressam descobertas sobre a realidade e, portanto, são fórmulas precisas e definitivas. A imagem comum que entende a ciência como um conjunto completo e concluído de objetos, métodos e teorias expostos com coerência e clareza e instituídos como disciplinas, áreas, cursos e aplicações resiste à ideia de processo de construção.

A ciência é resultado de um processo de construção permanente e sempre aberto, ensinam as epistemologias atuais. Assim nascem as ciências e mostram seus jogos de construção como ruptura com conceitos consolidados (Bachelard), como sucessão de paradigmas (Kunh) e como falsificabilidade da ciência regular (Popper). Em permanente construção, as ciências reclamam por critérios metodológicos e políticos para se apresentarem como “normais” em uma determinada conjuntura acadêmica e sócio-política. A consciência desse mundo real contribui com a superação dos “mitos da ciência concluída” que podem oferecer conforto e segurança para sujeitos e instituições, porém não favorecem o avanço da pesquisa científica e nem os seus processos de institucionalização.

No jogo de singularização (delimitação dos territórios epistemológicos próprios) as árvores do conhecimento se esgalham criando as novas áreas e disciplinas e, por conseguinte, as novas nomenclaturas. Porém, as singularizações se confrontam e se fecundam mutuamente nas antigas e nas novas formas de interdisciplinaridade. O singular gera o plural e o plural gera o singular. Contribuem para tanto não somente legitimações epistemológicas que expõem a coerência das abordagens que vão surgindo,

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor do PPG de Ciência da Religião da PUC-SP.

como também legitimações políticas que instituem as ciências novas como ciências normais.

A ciência da religião se insere nesse jogo regular de legitimação dos conhecimentos. Por essa razão, falar de novo de seu estatuto é natural e necessário. Mas, a ciência da religião carrega ainda o peso do desconhecimento histórico a seu respeito, sobretudo no contexto brasileiro. Ainda que possa exibir uma história de mais de cem anos, com objeto e nomenclatura próprias, em nosso país manteve-se distante das universidades durante quase um século; do rol das áreas, disciplinas e cursos que compuseram o conjunto da instituição e permaneceu, por conseguinte, desconhecida das imagens da ciência normal portadas pelas comunidades científicas e pelo público de um modo geral. Nesse sentido, pode-se dizer que, mais do que outras áreas, trata-se de uma ciência em busca ainda de legitimação. Evidentemente, os cursos de pós-graduação (12) e de graduação (11) hoje existentes prenunciam uma nova fase para a área nas IES brasileiras, à medida que mostra seus resultados nas pesquisas e no ensino. A história de construção dessa ciência no Brasil tem suas peculiaridades, o que resulta em boa medida no estado de legitimação atual em que se encontra. O fluxo regular constitutivo das ciências, a saber, *pesquisa => ensino => aplicação*, não fez seu percurso. A área foi, de fato, iniciada com os Programas de Pós-graduação e somente mais tarde vieram os Cursos de graduação, sendo que a aplicação profissional da área ainda busca um “lugar ao sol” no mercado e na própria lei que regulam as áreas profissionais.

Não se trata de reclamar por aquilo que ainda carece de legitimação, mas de tomar consciência da situação em que se encontra a Ciência da religião do ponto de vista institucional. E, nesse sentido, “falar de novo” de seu estatuto contribui com a exposição e o aprofundamento de suas vicissitudes e limites epistemológicos e políticos. No bem da verdade, todas as ciências padecem dessas dificuldades, cada qual segundo suas especificidades. Algumas se instalam no panteão dos conhecimentos normais como definitivamente concluídas, ou, política, social e legalmente reconhecidas, sem precisar discursar sobre si mesmas. Embora a ancoragem histórica e o edifício institucional ofereçam para muitas ciências um lugar seguro, todas se encontram inevitavelmente em construção, do contrário tornar-se-iam um discurso de outra natureza, mais próximas das tradições e dos dogmas. A ilusão da epistemologia concluída sustenta as áreas instituídas, consola os teóricos e naturalizam as imagens sociais sobre as mesmas.

A consciência da construção permanente é consciência histórica e política, não fosse epistemológica. A análise dos Programas que representam a área, bem como as suas práticas constitui, nesse sentido, um trabalho fundamental no momento histórico nacional, quando a Capes a institui como área própria em condomínio com a teologia. Expressando a organização já instituída que abriga os Programas de Pós-graduação em ciências da religião e teologia, ANPTECRE, a área 44, Ciências da religião e Teologia, marca uma nova fase para a pesquisa e também para o ensino das “duas ciências”. Com efeito, a pergunta pela especificidade de cada qual adquire relevância maior nesse momento. A simples coabitação como área reconhecida não resolverá aquilo que se coloca como exigência epistemológica e, por certo, como política dos Programas. SOTER e ANPTECRE acabam de lançar a discussão de uma possível epistemologia comum para as duas abordagens. Por certo, sobre uma base comum, onde as ciências humanas se ancoram e constroem trânsitos inevitáveis e necessários, ciência da religião e teologia terão que se afirmar em suas especificidades e mostrar, ao mesmo tempo, suas intercessões realizadas de modo implícito ou explícito tanto nos objetos comuns, quanto nos métodos e nos paradigmas teóricos. Quanto ao território comum das ciências humanas, o substrato metodológico construído no decorrer da história fornece suas regras e suas técnicas, de modo particular nos estudos empíricos da religião, seja na execução das abordagens diacrônicas, seja das sincrônicas. Como as demais ciências humanas, a da religião dispõe de amplo repertório para exercitar suas pesquisas e esforça-se por “aculturar” essas metodologias em suas particularidades, por certo fazendo justiça a um jogo comum da produção de conhecimento, o da distância e da proximidade do objeto, jogo que adquire destaque quando o objeto-religião carrega em si mesmo pressupostos de simpatia e antipatia por parte daquele que busca investigá-lo. E não será menos relevante – e problemático – a via da neutralidade religiosa, quando valores políticos e éticos da sociedade global e científica são assumidos como pressupostos em todas as investigações do religioso, caso emblemático do fundamentalismo e da intolerância.

Os textos que compõem esse núcleo de ciência da religião é resultado do trabalho de doutorandos do Programa de Pós-graduação da PUC-SP. O tema aqui revisitado pelos futuros doutores da área contribui para uma visão geral de alguns aspectos dos Programas de Pós hoje em funcionamento e, portanto, da “ciência da

religião normal”. Os Artigos oferecem também questionamentos que ajudam a avançar na concepção e na prática dessa ciência no contexto atual. As reflexões elucidam quadros institucionais concretos e expõem possíveis ambiguidades que adquirem importância particular no momento em que as avaliações quadrienais da Capes são divulgadas. O leitor, prioritariamente alunos de Pós-graduação, fará a recepção das reflexões no contexto em que se encontra.